

Metafísica da história futura

Gonçalo Armijos Palácios/VFG

Resumo

Este artigo é uma reflexão sobre o alicerce metafísico da concepção de história que prevalece no fim do século XX.

Abstract

The article brings forth a reflection on the metaphysical background of the conception of history prevailing in the end of the 20th century.

A ilusão metafísica

Pensamos que o mundo é dado. É-nos dado para inserir-nos nele. Quando adquirimos consciência das coisas as pensamos como já dadas, já prontas. É a prontidão à nossa espera. Padecemos, no início, de uma doença intuitiva. Intuímos o que se quer de nós, o que se espera de nós. Não temos força para evitá-lo. Somos, como os outros mamíferos, animais intuitivos e hereditários. Mas essa, nossa herança, é também cultural, não só genética.

Somos sempre como crianças, esperamos as respostas e eis que elas são-nos dadas. E somos, assim, levados a trilhar as trilhas gastas. Empurram-nos pelos caminhos que já estavam lá. Sempre estiveram lá - pensamos. Quando, com o pensamento, saímos para descobrir aqueles caminhos, nos convencemos inadvertidamente de que é a realidade já

dada que se mostra à nossa frente.

São poderosas as razões que nos persuadem de que o que está ali sempre esteve. Que o que está ali é e sempre foi. Sempre será.

Aprendemos que não podemos atravessar portas fechadas. Aprendemos que devemos abri-las para transpô-las. Estamos acostumados a ouvir: "É assim que se faz. É assim como se faz porque é assim que é." Aprendemos imitando. Não podemos fazer as coisas de outro modo porque o mundo já parece ser de uma certa maneira. É o mundo das coisas e seus segretos que ainda temos de descobrir. São os tesouros à nossa espera. É sempre, o mundo, uma outra coisa que espera por nós, que aguarda nossa compreensão.

As mãos que fazem nos iludem. Elas, nossas próprias mãos. Dizem-nos - elas - que é assim que se faz, porque é assim que é. Acostumamos-nos a fazer assim e não de outro mo-

do. É mais fácil assim. E pensamos que, por isso, as coisas são como são, que o que é, é. Se conseguimos fazer assim, é porque é assim. Surpreendem-nos outras maneiras de fazer. Estranhamos e tememos. Não se faz assim – pensamos. Não deve ser feito assim. O mais grave é que o costume nos empurra. Descemos a ladeira do saber comum e, se descemos como os outros, dizem-nos que crescemos intelectualmente. Aprendemos que se faz assim porque é assim. Se as coisas são de tal maneira, devem ser feitas de acordo e – este é o grande salto do ente ao ser – devem ser pensadas necessariamente assim. Concluimos, enfim, que o ser é o que é e que não poderia ser o que não é. Os filósofos clássicos parecem confirmar isso com linguagens inacessíveis. Mas, no fundo, não dizem outra coisa: o mundo estava, e está, esperando por nós. Nós não podemos mudá-lo nem fazê-lo, nem reformá-lo. Ele é o que é. O ser é imutável. E mesmo se mudasse – reconhecem os antigos metafísicos – só poderia mudar num sentido e não em outro.

Esse é o primeiro caminho do nosso contato com o ser. Já entramos num mundo que é, num mundo falado, pensado e feito de uma maneira e não de outra. Nosso mundo é um cosmo já pensado... já pensado de

uma maneira. Essa entrada, porém, não é sem tropeços, alguns sutis. Os caminhos do ser são escorregadios. Insensivelmente escorregamos do ser ao dever-ser. Confundimos um com o outro. Não podemos deixar de pensar o ser sem também obrigá-lo a ser assim. E sem poder evitar que ele nos obrigue a pensá-lo assim. O que é e o que deve ser são um. Não podemos pensar o ser sem convencer-nos, inadvertidamente, de que deve ser assim. Só pode ser assim. O vocabulário nosso de todos os dias fornece os tijolos metafísicos para consolidar um mundo que já foi pensado e falado de um modo: o modo em que se nos ensinou a pensar e falar daquele mesmo mundo. E não percebemos que quando o pensamos de uma maneira o queremos de tal maneira, o desejamos assim. Daquele mundo que é ‘mesmo’ porque é idêntico para todos – ou é isso que imaginamos por força de nossa herança cultural. Nós somos meros hóspedes daquele mundo que, como indivíduos, é-nos estranho. Age sobre nós, se nos impõe.

Fazer é poder. Só sabemos quando conseguimos fazer. Portanto, antes de pensar que saber é poder devíamos ter feito, para chegar à certeza. Já que é no fazer que se mostra nosso poder, mas também nossa fragilidade. Não é possível fazer as mesmas coisas de

todas as maneiras possíveis. Uma só maneira de fazer é a que se impõe. Até que outra seja descoberta. No entanto, isto não é uma refutação do que acreditávamos saber, é um aprofundamento - ou, mais uma vez, assim imaginamos. Nossa primeira ilusão metafísica, portanto, está ancorada na própria possibilidade de fazer. É ela que primeiro nos mostra que sabemos. Somos seres pragmáticos sem saber, sem querer.

Quando fazemos, quando conseguimos ter êxito, o mundo parece render-se a nós. Aos poucos pensamos dominá-lo. E registramos nossas descobertas. Fazemos um mapa das trilhas percorridas. Para mostrar aos outros. Para não esquecer que vamos dominando o que parecia, de início, tão alheio.

Eis, de novo, nossa fragilidade. Quando descobrimos como se faz alguma coisa, acreditamos descobrir uma província do mundo, uma região da realidade. Depois vemos outras possíveis maneiras de fazer melhor, nos aperfeiçoamos. A hierarquia de práticas aparece com isso. E com ela os valores. Há o melhor, e há o pior. Descobrimos um mundo hierarquizado. Mais uma vez, a superioridade de um fazer sobre outro, de uma técnica sobre outra mostra a hierarquia do mundo. Mundo e ação se espelham.

Os mundos hierarquizados só podem ser espelhados por ações hierarquizadas. O 'fazer' deve refletir o 'ser'. Se o fazer é um tipo de ação, haverá outros tipos de ações superiores. Há, no entanto, vários tipos de ações, o que nos leva a pensar que há distinções hierárquicas entre os atos. Há os irrefletidos, por exemplo. Em geral, o ato prático sucede ao ato mental. Eis o nosso topo na hierarquia. O fazer dos animais é um fazer irrefletido; os homens, pelo contrário, não se limitam ao simples fazer, empírico, básico, porque aos homens é dado o *logos*. O ato de pensar, conseqüentemente, deve estar no topo da escala hierárquica das ações.

Chegar a esta conclusão não foi fácil. Determinar esta propriedade do mundo, do ser, custou à humanidade muito esforço. De que valeu, no entanto, definir o homem como animal racional? Que logramos forçando o homem dentro de uma imagem que, talvez, não lhe convinha?

Sendo uma coisa entre as demais, o homem não pode deixar de obedecer a hierarquias. Só pode haver homens que são pouco homens e outros que são muito homens. Chega a propor-se uma hierarquia entre os homens. E, claro, facilmente chegamos à conclusão de que as mulheres são menos homens que os homens, e

assim com os meninos, e os escravos, e os negros, e os feios, e os diferentes - uma maioria, pensamos. E, também, todos aqueles que não pensam como aqueles que dizem ter descoberto aquelas hierarquias. Quem são aqueles privilegiados que ocupam o topo da pirâmide? Esquecemos, porém, a pergunta crucial: "Como eles chegaram lá?", pergunta que, na verdade se transforma em: "Como eles acham que chegaram lá?"

Os homens fora e dentro da natureza

Quando o homem olha para dentro de si, ele se afasta da natureza. Só chega a pensar em si próprio quando não tem que pensar a natureza. Quando sua natureza não se revolta dentro de si. Quando ela nada lhe exige, quando está controlada, adormecida. Quando outros cuidam dela - esses que não chegaram lá. Só quando outros cuidam de nós, podemos esquecê-los e esquecer-nos, e lembrar-nos do ser. E pensar o ser. Só depois de superar sua natureza imediata é que os homens pensam a natureza mediata, só assim chegam a transitar pelo interior do que é, por aquilo que não se dá imediatamente, sensivelmente. Só depois desta estar adormecida. Este é o momento em que o

homem ocidental se inicia no caminho da insensibilidade. (O *logos* trilha a trilha do insensível. É a traição a Heráclito.)

Paradoxalmente, só depois de afastar-se do natural, do que existe - sensivelmente - ao seu redor é que o homem ocidental concebe-se como entrando no seu interior, desvelando seus segretos.

Só depois de render-se à lógica trai o *logos* originário, o *logos* no seu sentido original.

Só assim afastado pode chegar a ser paradoxal. Só assim pode negar que a natureza, o que é, se movimenta.

Controlada a natureza, o homem volta-se para si e atribui o que vê no seu mundo interior ao mundo em si, ao mundo sem mais. Surge assim a idéia do mundo enquanto tal - o mundo enquanto tal, o que é em si, diferente do mundo como aparência, do que o homem tem diante de si.

Vai gestando-se a imagem de uma natureza humana dupla que copia o próprio mundo, interior e exterior, inferior e superior, aparente e real. Surgem, aos poucos, os ataques aos sentidos. Os sentidos estão sob suspeita. (Apesar dos protestos de Empédocles.) O sentir é deslocado para o plano inferior, naquela hierarquia de valores, para não aparecer por

muito tempo.

O busto pétreo do homem ocidental vai sendo burilado, cinzelado – e esse busto, como as estátuas gregas, não tem olhos.

Uma nova trilha é aberta. A trilha do homem que, sem olhos, enxerga melhor que aquele que tem, daquele que sabe mais do que aquele que faz. Quando nascemos, entramos num mundo em que o olhar é supeditado ao pensar – o ver com o olho da mente.

Há, assim, dois tipos de homens, os que fazem e os que pensam. Os que fazem sentem, limitados à suas sensações. Os que pensam, sabem. Estes não parecem ter limites. Aos poucos, os homens se dividem em homens práticos, básicos, e homens teóricos, elevados.

Corpo e alma

Com a invenção da diferença entre corpo e alma, a separação entre 'fora' e 'dentro', entre 'superior' e 'inferior' é sacralizada intelectualmente. A noção de alma não é a que os sábios burilaram. Eles roubaram uma idéia e a burilaram tirando tudo aquilo que não convinha à sua imagem de mundo, à sua imagem de ser. O espírito, a alma concebida por seres práticos, por seres naturais, é uma alma, é

um espírito que sofre, que ri, que chora. É um espírito que ama. É um espírito, por fim, que sente. O fragmento de Empédocles, modificado, deve ser estendido aos filósofos: e vós que achais que sabeis porque pensais..., donde foi que tirastes vosso sustento senão daqueles que sabem fazer?

Os anacronismos etimológicos

Que devo entender por alma? Alma é o que nós entendemos por alma. Não é o que se chamou *anima* antigamente, não pode ser o que os antigos povos chamavam de espírito. Não estamos tão longe de hoje. Não podemos nos estudar como se já tivéssemos desaparecido. Alma é o que hoje se entende por alma. Alma, pensamos, é aquilo que dá vida ao corpo. É aquilo que permanece quando o corpo morre. Sabemos muito bem o que significa viver e morrer. Para nós, ocidentais, morrer é uma tragédia, apesar que hipocritamente o neguemos para consolar-nos de perdas irreparáveis.

Pensamo-nos, então, como dotados de corpo e alma. Como seres em que o melhor de nós está enclaustrado numa prisão.

O que chamamos de alma somos nós mesmos. E ela está encerrada e

oprimida por aquilo que a encobre. No mundo... nossa alma está atirada num mundo. Mas não é um mundo sem sentido, como pensa Heidegger. É um mundo com todos os sentidos já prontos. Há mil e um sinais apontando para nós as direções. E são aquelas direções e não outras. Há até leitores do futuro, fazedores de chuva que se enriquecem às custas dos tolos. Assim como há outros que não dizem nada para que terceiros, espíritos cinzentos, possam lhes atribuir mil e um significados e citá-los.

Ser livre é poder escolher o sentido que a alma dará a nossa vida. Mas só podemos escolher entre os sentidos que nos são apontados. Não há, propriamente, outros sentidos. Podemos escolher entre as frases: eu quero ser isto ou aquilo. Eu escolho ser esta ou aquela alma.

O mundo do filósofo, decididamente, nunca foi o mundo em que vivemos. O filósofo se imaginou cavalgando uma quadriga e, segurando fortemente as rédeas, ele imagina poder mudar o curso dos cavalos. Mas são os cavalos que decidem. Aonde teríamos ido se os cavalos tivessem obedecido aos filósofos? Que mundos possíveis teriam sido os mundos dos filósofos? Certamente o mundo nos leva num sentido. O filósofo, noutro. Mas que sentidos

são esses?

É falso que os filósofos só tenham interpretado o mundo. Ao contrário, sempre quiseram mudá-lo. Nunca o aceitaram como era. A diferença é que eles viam um mundo que ninguém mais via, e falavam dele, apontavam nele seus lugares privilegiados. Os filósofos nunca interpretaram o mundo, é o mundo que se cansou de interpretá-los.

A revolta dos filósofos e a surdez dos ambiciosos

Os filósofos têm tido o costume de não aceitar o mundo como este se lhes apresentou. Geralmente rejeitaram o mundo que - consideraram - era dos ignaros. Rejeitavam ser governados por inferiores.

Os filósofos quiseram sempre um equilíbrio na sociedade. Que resta da sociedade que Platão sonhou? Onde está a cidade que Aristóteles quis? Aquela em que não se apreciavam grandes diferenças entre ricos e pobres, aquela cidade com um número determinado de habitantes? Aquela cidade planejada? - É a mesma em que índios são incinerados vivos?

Os povos chamados primitivos respeitaram o modo natural de viver. Eles, primitivos - estúpidos, segundo Rousseau. Época que, para o próprio

Rousseau, jamais voltará. E não poderá voltar.

A perdição dos povos foi sua ambição. A ambição de riqueza, de poder. O que Rousseau criticava nos homens é extensivo aos Estados.

Não podemos negar que um bem adquirido com o intelecto é um bem difícil de adquirir. O valor não é convencional, nunca o foi. Vale o trabalho que custa. A razão não é uma conquista fácil do gênero humano, e seus frutos, talvez, não valham todo o ouro do mundo. Isto não é dito em sentido metafórico. O ser humano pode, com as mãos e as ferramentas e sua ambição, esgotar as riquezas do planeta. Leva mais tempo, no entanto, tirar dela os segredos que guarda de nós. Assim como os sentidos não podem ser culpados pelos erros que a razão comete com base nos sentidos, a razão não pode ser culpada pelos erros cometidos por causa da ambição.

A pior das sociedades que os filósofos sonharam não chega tão baixo da que, de fato, chegamos a construir.

Sonhamos um mundo em que todos são ricos. O futuro será um mundo de ricos. E a ambição o sustenta. Esse é o sentido metafísico do mundo contemporâneo. Nunca foi tão negro nosso futuro.

O monólogo dos ambiciosos

A queda dos países do Leste europeu teve como consequência, não um salto para o futuro, mas uma volta ao passado. Estamos revivendo a época do monólogo religioso. O deus de hoje também tem o brilho do sol e o som do metal. Estamos vivendo a ilusão do progresso. O que perdemos é o que ganhamos. O que construímos em séculos é paulatina e implacavelmente destruído. Tradições culturais somem da face da terra com as espécies animais que estas mesmas tradições respeitavam.

Como nunca antes somos controlados pelo poder da ambição, materializado, primeiro, em armas que o mais cruel dos homens jamais poderia ter imaginado, e hoje sacralizado pelo fanatismo num sistema econômico que só interessa à minoria da população, a mais ambiciosa, a mais inescrupulosa.

Hoje só existe o monólogo de seu discurso de cristal. Uma catequese da prepotência, do cinismo e da superfluidez. Não podemos ser, hoje, simplesmente humanos. Devemos imitar os novos profetas. Aqueles que brilham nas ânforas de cristal das ilusões compráveis. Não interessa a que preço.

Não voltamos à irracionalidade de outras épocas. Renasce a fé cega num além de riquezas – de riquezas a qualquer preço. Entre outras coisas, ao preço da paz.

Não há palavras para descrever o turbilhão que pouco a pouco nos envolve. Dirigimo-nos aceleradamente ao seu epicentro. Somos devorados por ele, inevitavelmente, imisericordiosamente. E estamos pagando para isso, somos obrigados a pagar o custo de sermos tragados pela incultura da ambição. Os governos deixam tudo nas mãos de iniciativas pessoais – de particulares que só visam a seu próprio benefício, isto é, deixam tudo ao Deus-dará. Porque a ambição é o deus e os ambiciosos, seus profetas.

Estamos, como nunca, à mercê da ambição pessoal. Um mundo melhor depende, na nova moralidade metálica, do estímulo à ambição pessoal. Esse é, na verdade, o sentido metafísico do mundo contemporâneo. Estamos nas mãos de iniciativas pessoais por grandes lucros, por grandes riquezas. A qualquer preço.

Há uma metafísica oficial: o ser do mundo se encaminha numa certa direção. E essa direção está baseada na ambição pessoal. Essa é a direção do mundo, inevitável, irreversível. Não é só o ser social, é o ser mundial, ou, melhor, o dever-ser do mundo. O Espírito Absoluto não é mais a Razão Universal, como em Hegel, é a Ambição Universal. Qual, perguntemos, é a astúcia desta Ambição? Certamente, o controle dos governos por parte de castas e elites privilegiadas. A ambição e a vaidade nunca estiveram tão juntas. Elas marcam o destino de um povo, de um povo heterogêneo, com etnias e línguas que se extinguem, que se matam, que se queimam, que se deixam de falar. Ao preço da Ambição e da Vaidade. Descobriu-se o novo sentido da história. É o futuro promissor dos ricos-que-serão, dos ricos-que-seremos ao preço das etnias-que-desaparecerão, das tradições que, dia após dia, deixaram de ser.

É a metafísica da planetarização, da alforria da ambição, numa palavra, a metafísica da história futura.